



José Spaniol na exposição *Sem Peso Sem Medidas*. Foto: Vilma Sonaglio

ENSAIO

JOSÉ SPANIOL: A CONTENÇÃO FRÁGIL DA GRAVIDADE EM “SEM PESO & CEM MEDIDAS”

NIURA A. LEGRAMANTE RIBEIRO
ABCA/RIO GRANDE DO SUL

RESUMO: O texto aborda as obras do artista José Spaniol que participam da exposição “Sem peso & Cem medidas”, realizada no Atelier V744, espaço gerido pela artista Vilma Sonaglio, em Porto Alegre, no período de 04 de março a 29 de abril de 2023. Os desenhos, os objetos e as instalações enfrentam o campo gravitacional para discutir formas precárias de suspensão, equilíbrio, sustentação e instabilidade no espaço.

PALAVRAS-CHAVE: José Spaniol; Objetos; Campo gravitacional; Equilíbrio; Frágil.

ABSTRACT: The text addresses the works by the artist José Spaniol that are part of the exhibition “Sem peso & Cem medidas”, held at Atelier V744, a space managed by the artist Vilma Sonaglio, in Porto Alegre, from March 4 to April 29, 2023. The drawings, objects and installations face the gravitational field to discuss precarious forms of suspension, balance, support and instability in space.

KEYWORDS: José Spaniol; Objects; Gravitational field; Equilibrium; Fragile.



“A prática artística suscita processos retroativos, como se numa inversão, o passado pudesse ser consequência do presente. Um trabalho novo representa uma chance de resignificação dos anteriores.”

José Spaniol¹

A suspensão, o equilíbrio, a sustentação, o espelhamento, a força, o peso *versus* contrapeso e, por vezes, a leveza são questões que permeiam o percurso poético de José Spaniol², artista nascido em nosso estado, mas que vive e trabalha em São Paulo. Como conter o campo gravitacional de objetos? A resposta para esta questão pode ser encontrada nos trabalhos apresentados na sua exposição, “Sem peso & Cem medidas”, que o artista realiza no Atelier V744, em Porto Alegre, de 04 de março a 29 de abril de 2023. O controle, mesmo que frágil, da gravidade parece ser obtido por meio de contra forças que se configuram em suas obras. O título já denota uma ironia, pois o artista explora o peso dos objetos escorados e em suspensão; ao passo que a escrita numérica, “cem” como medida, evoca uma grandeza de dimensões, não é o que acontece com a escala dos trabalhos apresentados, que, dotados de econômicas e elegantes tonalidades, obedecem a um rigoroso acabamento formal de caráter minimalista.

Ao menos desde 1990, a sua poética explora a relação de objetos/esculturas com a arquitetura dos espaços expositivos. Um bom exemplo é a obra *Firmamento* (2010),

Vista da exposição. Foto: Vilma Sonaglio.



que já recebe o público no corredor de entrada do Atelier V744. Hastes de bambu *in natura* sustentam Atlas - livro de mapa aberto justaposto ao teto, trabalho pleno de simbologias.

A escolha desse tipo de livro para o local que abre a exposição prepara os visitantes para verem a cartografia da poética do artista. A semântica do título do trabalho também pode significar espaço celeste, o que gera uma inevitável associação com o Atlas encostado no “céu” do Atelier.

Firmamento e mapa são forças simbólicas potentes que formam um paradoxo em relação ao céu, pois um dá estabilidade e o outro fixa geografias e possibilita medições precisas; o céu apresenta instabilidade, imprecisão, movimento e dinamismo. O livro escolhido pode ecoar ainda a força do gigante Atlas que, na mitologia grega, foi condenado por Zeus a segurar o planeta. Todo o Atlas, ou seja, a geografia, é sustentada pela força da haste do bambu, material que, por sua característica física de aguentar muito peso, pode até vergar, mas não se quebra.

Com a obra “Balanças” (1999), o artista consegue o controle da gravidade pela suspensão e equilíbrio entre duas esferas de cerâmica com um fardo de livros, duas diferentes matérias - uma plástica e outra semântica, ambas referenciando processos de criação.

O título da tese de Spaniol “Verticalidade e Espelhamento”,





Desenhos com tinta prata e Balança. Foto: Vilma Sonaglio.

realizada em 2009, na ECA/USP traz um significativo entendimento de sua prática artística que se verifica na presente exposição. Algumas obras se apresentam como “espelhamentos”,

pois orbitam em torno de questões poéticas de épocas anteriores na sua trajetória e que se configuram como genéticas de motivos semelhantes, porém, com alterações de escalas e de

materialidades. “O trabalho novo vem do próprio trabalho”, assim resume o artista sobre os trabalhos que traz para a exposição.

Um olhar retroativo resgata trabalhos que o artista realizou anteriormente, trazendo outras abordagens plásticas como um jogo entre o presente e o passado, condensados na obra *Clash* (2022). Sobre uma mesa com tampo de ardósia, escorado apenas por hastes não fixadas, são apresentados objetos reconfigurados em escalas bem menores, similares a maquetes, de obras realizadas em outros períodos. Um primeiro objeto é um conjunto de réplicas em miniatura de hastes de bambus, porém, em bronze, com banho de prata, que são apenas escoradas umas às outras, ecoando os pés da mesa, e que equilibram um barco no seu topo; ao lado desse, o esqueleto com torção da estrutura interna de um barco - ambos remetem a *Sonhos de Outubro* (2019), trabalho de grandes dimensões, exposto na Bienal de Coimbra, nesse mesmo ano; por último, cadeiras em pequenas escalas, criadas em latão com banho de prata, que se duplicam verticalmente pelos espaldares,

originam-se da obra *O Descanso da sala* (2006 - 2014), esta, também, de grandes proporções. A linha que tem o potencial de estruturar formas cria um ritmo para esses objetos, seja nas hastes, nos espaldares das cadeiras ou na ossatura do barco. *Clash* se completa com linhas sonoras da voz do artista reproduzindo o som das ondas do mar, que, também, já estavam presentes na forma de escrita, em trabalhos como *Tiamm Schuoomm cash!* (2016) e em *Bamp Uuoom Wawa!* (2015).

Rima (2022), desenhos sobre papel com tinta prata parecem fazer eco aos feixes de hastes de bambus de parte da obra *Clash*, com semelhante disposição espacial de um conjunto de formas inclinadas. Na mesma linha de desenhos, porém como relevos, as obras *Grades 1, 2, 3, 4, 5* (2019) em muito se assemelham aos bambus, embora originadas de linhas de gravetos e moldadas em bronze, entrelaçam-se com espumas sintéticas em confrontos de materiais: um pesado, fosco e escuro e outro leve, transparente e claro.

Matérias estáveis, olhares instáveis?
Objetos na iminência de desabarem

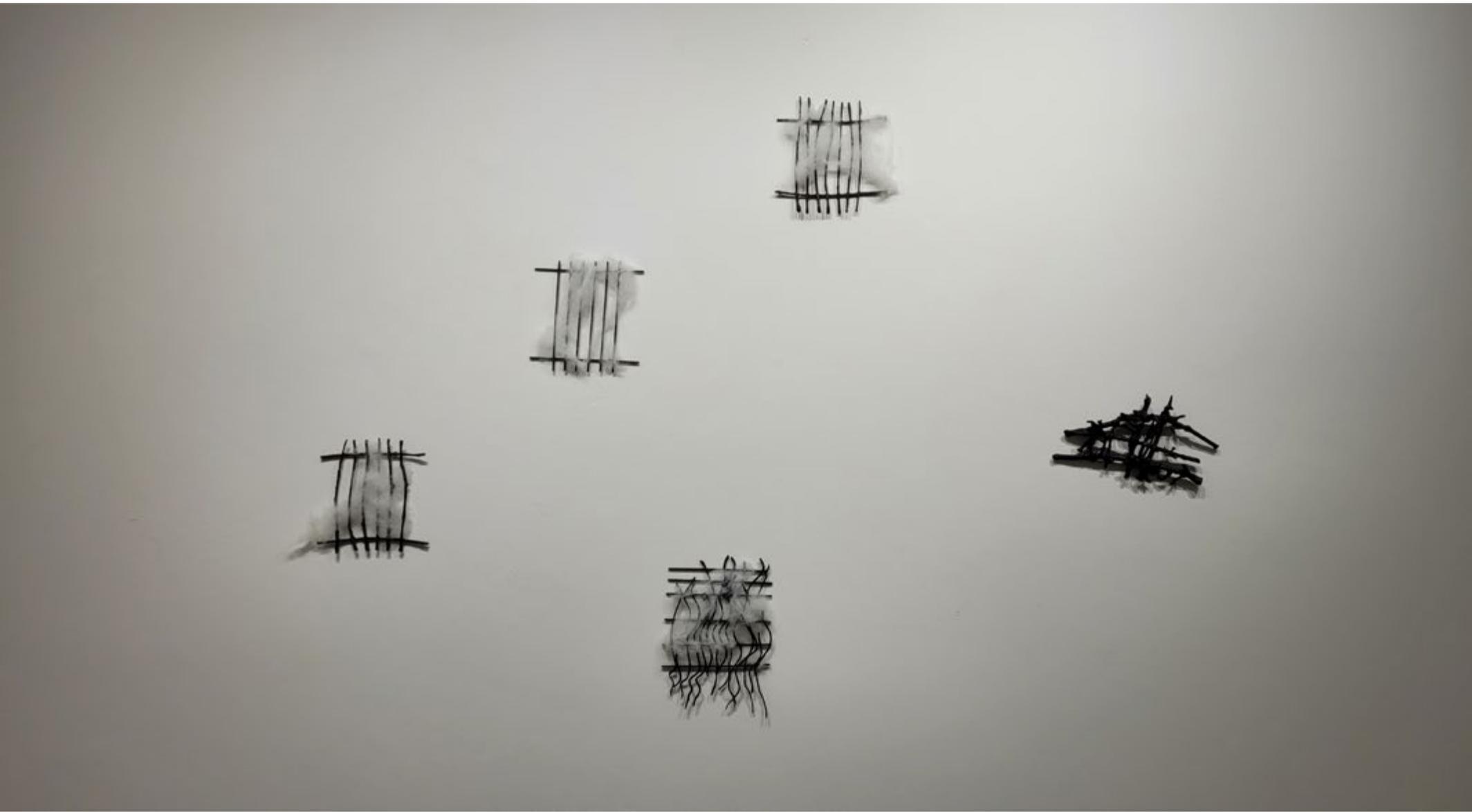
obrigam os olhares em sobrevoos a perseguir diferentes alturas e distâncias pelo espaço expositivo. Se José Spaniol procura uma aparente estabilidade para conter a gravidade das matérias no espaço em torno do limite tênue entre o seguro e o frágil, o mesmo não acontece com os olhares que gravitam em direções diferentes: teto, chão, parede, meio da sala ou, ainda, para o presente e o passado de sua poética, dado o caráter retrospectivo da exposição, “Sem peso & Cem medidas”.



Clash, 2022. Foto: Niura Ribeiro.



Rima, 2022. Desenho com tinta prata. Foto: Niura Ribeiro.



Grades 1, 2, 3, 4, 5, 2019. Bronze. Foto: Niura Ribeiro.

NOTAS

1 José Spaniol em “Verticalidade e espelhamento”. Tese de Doutorado realizada na Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 2009, p. 16.

2 Doutor pela ECA/USP; é artista e docente do Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes da UNESP, em São Paulo; de 1990 a 1993, estudou na Academia de Artes de Düsseldorf, na Alemanha; em 1999, realizou residência no European Ceramics Work Center, na Holanda; tem participado de importantes exposições, como a Bienal de São Paulo, a Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra (2019), o Espazo de Intervención Cultural da Universidade da Coruña, Espanha (2020).

NIURA A. LEGRAMANTE RIBEIRO

Doutora em História, Teoria e Crítica da Arte, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, UFRGS; é Mestre em Artes pela Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo; Realizou Estágio de Doutorado Sanduíche, na *Université Paris-I, Panthéon Sorbonne*, Paris, França, com o prof. Dr. Michel Poivert. É Coordenadora-substituta e professora do PPGAV - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e professora do Departamento de Artes Visuais/UFRGS. É Vice-líder do Grupo de Pesquisa do CNPq, “Deslocamentos da Fotografia na Arte”. Tem trabalhos de pesquisas, publicações e curadorias em Fotografia Contemporânea e História da Arte. É co-organizadora do dossiê “Transbordamentos entre Fotografia e Arte”, Revista Porto Arte, PPGAV, UFRGS. É membro da ABCA e do CBHA/AICA.